



A racionalidade comunicacional dos circuitos da economia urbana e as novas topologias do circuito inferior: uma análise do ramo varejista de vestuário

The communicational rationality of the circuits of the urban economy and the new topologies of the lower circuit: an analysis of the retail industry of clothing

Cristiane da Silva⁽¹⁾

⁽¹⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4868-1859>; Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Mestre em Geografia, BRAZIL, Email: crys-silva13@hotmail.com.

Recebido em: 26 de janeiro de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 07 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: A pesquisa dá ênfase a compreensão da dinâmica das cidades, a partir da interpretação da teoria dos dois circuitos da economia urbana (2008, [1979]) com ênfase no ramo varejista de vestuário. A proposta é analisar este circuito inferior no período atual, com suas novas topologias apresentadas, frente a aceleração da globalização e aos novos instrumentos do meio técnico científico informacional, com a pulverização das atividades ligadas ao ramo varejista de vestuário, materializada nos subespaços da cidade e de um maior uso do meio ambiente construído. O circuito inferior representa atualmente, a via de consumo das populações mais pobres, pois, responde as necessidades imediatas de inúmeras famílias em condições vulneráveis, que precisam conseguir seu sustento. As atividades ligadas a esse subsistema da economia, visíveis na paisagem urbana das cidades brasileiras, elucidam a investigação da atuação das atividades do vestuário que demonstram a concretude da economia pobre e sua importância na análise da dinâmica econômica espacial, sobretudo, porque trata-se de atividades que geram um elevado número de postos de trabalho e renda a inúmeras famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Subsistemas urbanos, Pequenas atividades, Comércio.

ABSTRACT: The research emphasizes the understanding of the dynamics of cities, from the interpretation of the theory of the two circuits of urban economy (2008, [1979]) with emphasis on the retail branch of clothing. The proposal is to analyze this lower circuit in the current period, with its new topologies presented, in the face of the acceleration of globalization and the new instruments of the technical informational scientific environment, with the spraying of activities related to the branch clothing retailer, materialized in the subspaces of the city and a greater use of the built environment. The lower circuit currently represents the way of consumption of the poorest populations, because they respond to the immediate needs of countless families in vulnerable conditions, who need to obtain their livelihood. The activities related to this subsystem of the economy, visible in the urban landscape of Brazilian cities, elucidate the investigation of the performance of clothing activities that demonstrate the concreteness of the poor economy and its importance in the analysis of dynamics economic, above all, because these are activities that generate a high number of jobs and income for countless families.

KEYWORDS: Urban subsystems, Small activities, Commerce.

INTRODUÇÃO

Para início de conversa, fundamentar a discussão foi de suma importância, assim, o trabalho esteve pautado na revisão bibliográfica de autores como Milton Santos, em que se compreende o subsistema urbano, a partir da teoria dos dois circuitos tratando a cidade em sua totalidade, com contradições e complementaridades; em escritas de María Laura Silveira para entender a importância do meio ambiente construído para as pequenas atividades; Eliza Almeida, que demonstra como os sistemas técnicos atuais são primordiais para atuação das atividades nas pequenas cidades brasileiras; Mônica Arroyo, que nos deixa visível a economia dos pequenos; Francisco Oliveira, para compreender a formação da economia brasileira e romper com a dualidade tratada por alguns economistas ao se referir aos setores econômicos, dentre outros autores essenciais para entender a importância da indústria do vestuário e seu nível de atuação para a economia das pequenas cidades brasileiras, sobretudo, as classes menos abastadas que anseiam em participar dessa parcela do consumo e que alimentam o comércio das cidades.

Desta feita, reverbera-se que o processo de globalização, especificamente em 1990, com a abertura indiscriminada do mercado, tem suas implicações nas reconfigurações da dinâmica do território. As empresas da cadeia têxtil-vestuário vêm passando desde a década de 90, por transformações, com a adoção do projeto neoliberal e a abertura indiscriminada do mercado aos produtos estrangeiros, aspecto também caracterizado com o fim dos acordos têxteis em 2005 que regulavam o setor.

Em 1990 o advento das novas tecnologias e a inovação do mercado, reorganiza as etapas do circuito espacial produtivo: produção, distribuição, comercialização e consumo integrando-as com a participação de empresas de diversos tamanhos em níveis de tecnologia e capital. É também, frente à abertura da economia internacional que o território “torna-se um espaço nacional da economia internacional” (Santos, 1994) e há um novo paradigma no processo de produção, com o rompimento do espaço e do tempo, impondo-se a lógica geográfica dos continentes, tornando imediatas as criações, que passam a ser lançadas em tempo real, marcada pela arquitetura do sistema global, que a saber são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais - valia globalizada (SANTOS, 2012a, p. 24).

Dentro desta perspectiva, para elucidar “os principais problemas da sociedade no atual período da história” (SOUSA, 2017, p. 26), propõe-se como método de análise para compreensão do território no período atual, a concepção do materialismo histórico dialético. A proposta de ênfase é a compreensão do espaço de Milton Santos (1994), para entender a atuação de novas formas de integração do território, calcadas nas posições dos atores hegemônicos dispostos no espaço que organizam a vida de relações nos lugares em função de seus interesses.

Assim, reverbera-se, que os objetos técnicos permitem a empiricização do tempo (SANTOS: 2012b) e, através, desse processo técnico apreendemos como o espaço foi usado ao longo do processo histórico. As técnicas, são mais são que a materialidade que compõem o espaço, isto é, o corpo, são um traço de união histórico e epistemológico (SANTOS: 2012b), e em sua composição carregam informações datadas de distintos períodos.

Nesse sentido, na discussão corroboramos para entender o espaço geográfico das cidades dos países subdesenvolvidos como o Brasil, estudando e interpretando os circuitos da economia urbana no período atual e assim, propondo o estudo e o entendimento de novos elementos inseridos dentro do subsistema urbano.

O USO DO TERRITÓRIO E OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

O meio técnico-científico-informacional possui técnicas com conteúdo informacionais e comandos distintos que fogem a escala do lugar, participando do processo de “produção e percepção do espaço” (SANTOS: 2012b). Sabe-se que, sozinhos os objetos técnicos não teriam sentido na construção do espaço, assim, os sistemas de ações a que este objeto foi intencionalmente criado vai lhe concedendo valor, atribuído ao conjunto da sociedade que condicionam seu uso. O espaço geográfico é sinônimo de território usado, mutável, dinâmico, passível de usos diversos por diferentes atores e, segundo Santos (2012b), de diversas intencionalidades.

O território usado é a categoria de análise e revela as ações presentes no espaço, sejam, estas ações passadas ou atuais que permitem o movimento da sociedade. São ações, do poder público municipal, estadual ou federal, ações das empresas, da política do estado e da política das empresas, a ação humana, através, do trabalho que conduz a um

movimento dialético, desigual, contraditório e combinado, materializado nas diferentes frações do território, nacional e até numa mesma cidade, que contém diferentes usos e densidades técnicas.

A dinâmica dos usos do território brasileiro na atualidade, tem sua análise na consideração da teoria dos circuitos da economia urbana, que permitem elucidar a atuação dos agentes no espaço. A teoria dos circuitos da economia urbana, proposta por Milton Santos (2008 [1979]), pressupõe a explicação do processo de urbanização dos países periféricos, considerando como as cidades dos países subdesenvolvidos como o Brasil, funciona a partir da coexistência de dois subsistemas urbanos - o circuito superior e inferior da economia urbana.

Ambos os circuitos são resultados do processo de modernização. O circuito superior da economia urbana é resultado direto deste processo de modernização, composto por atividades de alta densidade de capital, tecnologia, comércios modernos, bancos, redes varejistas, são agentes preocupados com o processo de expansão e acumulação de capital, estão na corrida de novas exigências tecnológicas. No circuito superior, há ainda uma parcela denominada de circuito superior marginal, resultado da sobrevivência de atividades que não interessam aos agentes que comandam a economia ou da emergência de atividades que preenchem as vagas deixadas pelas modernizações recentes. Esse circuito utiliza-se de técnicas obsoletas na sua composição.

Já o circuito inferior, tem em sua caracterização a composição de atividades em que vigora o trabalho intensivo, são os comércios menos modernos, feiras livres, ambulantes, borracharias, pequenas lojinhas etc., aqui, a preocupação é a sobrevivência das famílias e a necessidade é o estímulo para a criatividade desses agentes que avistam possibilidades no meio ambiente construído da cidade, na periferia ou no centro, em locais desconsiderados pela economia moderna.

Esse circuito inferior compõe atividades demasiadamente dinâmicas, que movimentam a economia local, regional e até mesmo nacional. Sua análise é de suma importância para entender o funcionamento da economia dos países subdesenvolvidos e como as cidades brasileiras respondem a crise do desemprego, com formas de trabalho intensivo, que possuem uma relação intrínseca com o local, mas, que no período atual suas lógicas escalares ultrapassam as fronteiras do território nacional e ampliam as relações com o mercado global.

O circuito inferior presente visivelmente na paisagem urbana das cidades dos países subdesenvolvidos, tem um caráter lógico e racional em seu funcionamento. São formas de recriação e vias de consumo de uma população, que não pode consumir no circuito superior, mas, por outro lado, o subsistema inferior demonstra seu potencial de reprodução do capital.

Os circuitos da economia urbana permitem o estudo da cidade em sua totalidade, pois, se relacionam por meio da dialética de complementaridade e concorrência. O circuito inferior é dependente do circuito superior. “Os circuitos superior e inferior interagem e participam do movimento que se desenvolve dentro da mesma cidade: trata-se de um único meio construído, embora desigual e fragmentado, e de um único mercado, embora fortemente segmentado (ARROYO, 2017, p.55).

O circuitos da economia urbana permitem a compreensão da materialização do uso do território pelas suas diversas atividades – a exemplo do segmento de vestuário no Polo de Confecções de Pernambuco, com suas racionalidades, condições de realização, atuação e as novas topologias presentes no circuito inferior, na maioria intrínsecas a uma escala intraurbana ou local e que atualmente, suas relações se tornam complexas, pois, sua escala não impede que participe de circuitos espaciais de produção amplos, integrando algumas etapas dos circuitos globais de mercadorias, fenômeno esse que deve ser pensado, a uma escala global.

A RACIONALIDADE DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA

A teoria dos circuitos pressupõe entender as complementaridades e antagonismos existentes entre os dois circuitos da economia urbana. Não há dualidade entre os circuitos, como demonstra Milton Santos (2008 [1979]). O circuito superior e inferior permite captar as feições da cidade estabelecendo nexos de racionalidade entre as suas dinâmicas e o meio ambiente construído.

Francisco de Oliveira (2003) em seu ensaio sobre Crítica à razão dualista: o ornitorrinco rechaça que, em países como o Brasil, o crescimento da economia estaria relacionado a uma simbiose e teríamos uma economia moderna e uma economia não moderna. Essa teoria de concepção entre o processo de economia moderna e não moderna, dá origem a discussão entre os economistas, em denominar, a economia dos

países subdesenvolvidos de dualista, na qual o setor moderno não conseguiria se contrapor ao não moderno, este seria um entrave ao processo de desenvolvimento do outro.

Em suas perspectivas, Santos (2008[1979]) e Oliveira (2003) marcam um rompimento com uma visão dualista, que opõe economia formal e economia informal. A oposição entre setores modernos e atrasados, seria apenas formal, uma vez que, o processo real mostraria uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários onde o moderno se alimentaria da existência do atrasado.

Desta maneira, não há dualidade na economia dos países subdesenvolvidos, pois, a teoria da economia urbana de Milton Santos (2008[1979]), considera o estudo da cidade em sua totalidade. A teoria do dualismo econômico, em suas análises propõe o estudo da economia como um bloco maciço, a partir de um único dado, a riqueza. Ao considerar a cidade como uma totalidade, pode-se captar os distintos usos que cada um dos circuitos realiza, seus antagonismos e complementaridades.

Destarte, compreende-se que, é necessário ir além, para entender o funcionamento da economia dos países subdesenvolvidos como o Brasil, um país com grandes desigualdades sociais que se inscrevem no território, onde podemos reconhecer espaços com distintos graus de modernização. Essa fragmentação, cria subespaços díspares no território, com dinâmicas econômicas, sociais, culturais que se entrelaçam. A dinâmica dos circuitos da economia urbana considera que cada subespaço se comporta de maneira particular de acordo, com sua cultura, seu cotidiano e sua organização.

Santos (2009) assevera que a modernização cria por si estruturas que se impõem as que já existem nas cidades, e assim, provocam modificações/transições dentro de sua economia política. A modernização cria formas integradas de organização econômica que, neste caso está presente na economia dos dois circuitos. Santos (2009, p. 47), afirma que *“não há dualidade nisso, os dois circuitos têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados. Não obstante sua interdependência aparente, o circuito inferior é de fato dependente do superior.”*

É necessário ressaltar, que enquanto a dualidade estuda a economia da cidade de maneira fragmentada e muito parcial, ampliando o processo de exclusão das feições que a compõe, a teoria dos circuitos faz a análise do sistema econômico de forma articulada, pensada pela política das empresas e pela política das técnicas.

Santos (2008) enfatiza que o erro entre muitos “dualistas”, é estudar a sociedade econômica de modo muito parcial, com ênfase na produção como principal objeto de suas preocupações e análises. Assim, acabam elaborando fórmulas e soluções fora de um contexto social, desconsiderando a composição e a organização do espaço atual e acirrando o processo de fragmentação entre os subespaços de uma mesma cidade.

[...] o problema de uma sociedade econômica não pode ser estudado de modo fragmentário. Ao lado dos aspectos da produção, é indispensável considerar e analisar os da distribuição e do consumo, assim como os do emprego, quer dizer, trata-se do sistema por inteiro (SANTOS, 2008, p. 55).

O circuito inferior é a economia daqueles que no anseio em consumir e gerar renda encontra no meio ambiente construído, possibilidades para criação de suas atividades denominada por Mónica Arroyo (2012) de economia dos pequenos ou dos agentes invisíveis do território. Nesse circuito o processo de acumulação é praticamente nulo, o dinheiro tem função de honrar os compromissos e as necessidades existenciais dessa população.

Essa economia dos pequenos como intitula Arroyo (2012) é desconsiderada nos estudos das abordagens dualistas, como se a cidade fosse apenas dotada de riqueza. Silvana Silva (2012a) assevera que, em muitos trabalhos o circuito superior e inferior é tratado como sinônimo de economia formal e informal¹, sendo formal o circuito superior e informal o circuito inferior. Tal afirmativa não convém um debate coeso, pois, ambos os circuitos apresentam funções mistas e há uma racionalidade lógica na permanência do circuito inferior que começa desde o processo produtivo até a distribuição; uma racionalidade que, decerto, gera inúmeros postos de trabalho nas cidades.

Em dados de órgãos como SEBRAE esse circuito inferior, tratado como economia informal, não respeitaria a legislação trabalhista quanto o formal (circuito superior/ moderno como denomina os economistas). No debate entre setor formal e informal, o primeiro aparece associado à noção de legalidade, enquanto que ao segundo estariam englobadas as atividades ilegais. Aqui, parte-se da ideia que o termo formal e

¹ A questão que se coloca sobre o formal e informal é que, em grande medida, essa dualidade não explica um processo mais profundo sobre o funcionamento da vida nos territórios periféricos, mais precisamente da vida urbana. A formação de nossas cidades está pautada na dependência de tecnologia. pela pobreza gerada por essa dependência e pelos processos de modernização, que acirram a pobreza no período atual. Logo, compreender a existência do comércio popular e das mais diferentes atividades que surgem na cidade para a sobrevivência exige que se pense além da regulação do Estado. Inclusive, as incessantes tentativas do Estado em combater os “informais” evidencia o significado do Estado, para que ele serve e a quem ele serve (Silvana Cristina da Silva, 2012a).

informal não se faz presente nos circuitos da economia e que ambos são dotados de racionalidade, operando com lógicas próprias.

O circuito inferior não é sinônimo de atividade informal, pois o que caracteriza as atividades do circuito inferior são o modo de organização, o uso intensivo de trabalho ao invés de capital intensivo e o grau de utilização da tecnologia. Em função de tais características a atividade pode não ter os devidos registros nos órgãos oficiais e efetuar os pagamentos de impostos. No entanto, existem atividades do circuito inferior plenamente formalizadas, bem como grandes empresas se utilizam de estratégias como sonegação de impostos, não registram seus funcionários, praticam a terceirização de forma ilegal. Há empresas do ramo do vestuário que se beneficiam da subcontratação de oficinas que usam o trabalho imigrante e precário, formando monopsonios. Assim, não poderíamos falar de informalidade e ilegalidade, uma vez que os grandes agentes se beneficiam da *indocumentação* e não pagamento de impostos ao subcontratarem oficinas (SILVA, 2012a, p. 79).

Na visão da teoria dualista, no setor formal haveria um respeito às normatizações, a legislação trabalhista, ambiental, pagamento de impostos, enquanto que o setor informal é visto como ilegal sonegador de impostos, que não respeita as leis trabalhistas e ambientais.

Uma breve análise sobre o respeito à legislação trabalhista mostra, que o setor formal é recheado de ações irregulares e ilegais. O site da revista Galileu,² demonstra alguns casos envolvendo grandes marcas registradas em 2011, em inspeção conduzida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) que encontrou imigrantes bolivianos e peruanos expostos a condições análogas à escravidão, trabalhando em uma oficina de roupas que produzia peças para a Zara na cidade de São Paulo.

Essa visão parcial da economia, entende o formal como uma atividade de maior importância que o informal. No entanto, os dois circuitos participam do processo de acumulação do capital, exploração da força de trabalho, trabalho ilegal (sem carteira assinada, de acordo com as leis trabalhistas) e terceirização (o circuito superior terceiriza), no contrato de empresas do circuito inferior da economia. A irregularidade não é uma exclusividade do circuito inferior, como a maior parte dos analistas econômicos propaga.

Rechaçamos, as ideias que partem do pressuposto que o circuito inferior é irracional e ineficiente. O circuito inferior é dotado de racionalidade, pois, toda a atividade econômica possui uma lógica para o seu funcionamento como tratado por

²<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/escravos-da-moda-os-bastidores-nadabonitos-da-industria-fashion.html> acesso em 01 de setembro de 2018 às 15hrs 00min

Milton Santos, Francisco de Oliveira, Marcos Xavier, entre outros, passível de verificação desde o início do processo produtivo até a distribuição, mesmo que, seja distinta daquela do circuito superior da economia urbana.

Silvana Silva (2012a), por sua vez, assevera que na interpretação das atividades urbanas, Milton Santos contribui deveras para a insistência na ideia de que o circuito inferior não é irracional e nem ineficiente, pois, encontramos uma racionalidade nessa forma de produzir e distribuir.

Racionalidade essa que é capaz de gerar trabalho para muitos e com pouco capital. O circuito inferior, onde há fabricação, comércio e serviços não modernos, não pode ser reduzido, como se faz atualmente, a uma questão tributária, ou seja, simplesmente classificá-las de acordo com a obediência às normas do Estado (SILVA, 2012b, p. 3).

A expansão do ramo de vestuário é um dos exemplos de como há uma inter-relação entre os setores econômicos, com base nos lugares de comercialização e consumo, e sua relação com os centros de produção, demonstrando a dinâmica do mercado no setor confecções. Dinâmica segmentada, articulada, que revela como a teoria dos circuitos da economia urbana é funcional para entender a análise de atividades relacionadas ao ramo de vestuário, sua expansão, popularização e a combinação dos diferentes vetores de modernizações do setor nas pequenas cidades brasileiras.

A teoria dos circuitos da economia urbana pressupõe a explicação das etapas do circuito espacial produtivo e o uso do território brasileiro, pelas diversas empresas que compõem o setor têxtil e de confecções.

Os agentes do circuito inferior se apropriam bem mais dos interstícios das cidades para sua perpetuação. São atividades, definidas de acordo com Santos (2008) ao citar Lavoisier em que “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. E assim, geram renda e trabalho para grandes parcelas das populações pobres. É também, gerador de riquezas nos lugares onde está inserido. Pois, produz impostos, como alugueis de imóveis, maquinetas de cartão de crédito, sacolas personalizadas, IPTU, água, luz, telefone, internet, propagandas etc., tudo isso corrobora para a dinâmica econômica das cidades.

A alta pulverização das atividades do circuito inferior, denota como este circuito de acordo com Santos (2008) é, auto-inflacionário. Sua dinâmica não permite altos graus de acumulação de capitais. São poucos que conseguem acumular pequenas somas de

capitais, que se destinam a ampliar os negócios. De acordo, com Montenegro (2013) a população vem encontrando oportunidades de trabalho e de geração de renda no circuito inferior, onde a mobilização de um baixo grau de capital permite a criação de postos de trabalho. A dilatação da capacidade auto-inflacionária do circuito inferior é um dos indicadores da sua expansão. Essa multiplicação das atividades dinamiza a economia da cidade, pois, os pobres consomem em pequenas somas diariamente, isto é, alimentam o comércio.

O circuito inferior constitui-se como um campo de refúgio, para aqueles que buscam formas de sobrevivência. E assim, encontram bem rápido uma ocupação multiplicando o número de atividades e de empregos que movimentam a vida das populações com rendas mínimas nas cidades, por seu consumo a preços de baixo custo e acessíveis a diversas camadas da população.

CARACTERÍSTICAS ATUAIS DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA: BREVE ANÁLISE DO SETOR VAREJISTA DE VESTUÁRIO

O circuito superior e o circuito inferior são dotados de uma lógica interna que caracterizam e particularizam seu funcionamento, no entanto, há relações de complementaridade e de oposição que podem ser apreendidas no estudo da cidade em sua totalidade, através, do “*exame da dialética entre os dois circuitos, responsável pela definição social e econômica e pelas possibilidades e formas de evolução tanto do organismo urbano como de sua área de influência*” (SANTOS, 2009, p. 53).

O circuito superior e inferior são resultados dos processos de modernização tecnológica imposta aos países subdesenvolvidos. Como mencionado anteriormente, o circuito superior é resultado direto desta modernização possui, atividades com alto grau de tecnologia, organização e capital intensivo. Podemos incluir as grandes empresas nacionais e estrangeiras, os bancos, o setor quaternário (que engloba empresas de propaganda e publicidade, consultorias, marketing entre outras), o comércio e serviços modernos. No ramo de vestuário, a marca sueca Hennes & Mauritz (H&M), a empresa espanhola Inditex, dona da rede de loja Zara, a japonesa Uniqlo, a americana Nike, a francesa Hermès, a Ralph Lauren, a Coach, Prada, a Nike, Adidas são alguns exemplos

de logotipos internacionalmente conhecidas que integram o circuito superior da indústria da moda.

A empresa espanhola Inditex, dona da rede de lojas Zara, é a terceira distribuidora mundial de moda que, também detém outras marcas. A Inditex está presente em 92 países. Segundo o Valor Econômico (14/03/2018), a empresa Inditex, apresentou um aumento do lucro líquido no ano fiscal de 2017, encerrado em 31 de janeiro. O montante foi de 3,37 bilhões de euros (US\$ 4,16 bilhões), alta de 7% na comparação aos 3,16 bilhões de euros registrados em igual período anterior. A empresa tem mais de 6 mil lojas em 90 países³. 15% da América, 25% da Ásia, 17% de Espanha e 43% do resto da Europa. Cresce na rede as vendas online, como uma estratégia da empresa. A rede de vestuário sueca Hennes &Mauritz (também conhecida como (H&M) é uma empresa multinacional sueca de moda presente em 41 países. Segundo o site da revista Exame (16/11/2014), possui mais de 3.000 lojas⁴. Conforme o Valor Econômico (31/01/2018), o lucro líquido foi de 16,18 bilhões de coroas suecas (US\$ 2,05 bilhões). A Uniqlo, empresa japonesa, é controlada pelo grupo de moda Fast Retailing, que possui, também, as marcas GU, Theory, PLST, Helmut Lang, Comptoir des Cotonniers, Princesse, TamTam e J Brand. A marca agora se encontra em 17 países, incluindo a Rússia e Bélgica. A cadeia tem mais de 800 lojas só no Japão e 27 nas Filipinas desde que foi inaugurada em junho de 2012. Até agosto de 2014, a Uniqlo tinha 1.487 lojas em todo o mundo⁵.

Muitas dessas marcas estão hoje presentes em todas as regiões do Brasil, como por exemplo, as lojas Zara: Norte (Amazonas), Nordeste (Bahia, Maranhão, Pernambuco), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). A sede administrativa e centro de distribuição estão no bairro Alphaville na cidade de Barueri (Região metropolitana de São Paulo). A Nike, por exemplo, também, está presente em todas as regiões brasileiras:

- Norte - Amazonas/Manaus; Pará/Belém
- Nordeste - Bahia/Salvador; Ceará/Fortaleza, Caucaia); Pernambuco/Recife;

³<https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20151024/dono-zara-mais-rico-por-alguns-minutos/311362> - acessado em 02/05/2018.

⁴<https://exame.abril.com.br/negocios/h-m-desiste-de-abrir-lojas-no-brasil-de-novo/> - acessado em 02/05/2018.

⁵<http://www.stylourbano.com.br/japonesa-uniqlo-quer-se-tornar-rede-de-moda-numero-1-do-mundo-vestindo-em-lifewear/> - acessado em 02/05/2018.

- Centro-Oeste - Distrito Federal, Goiás/Alexânia; Goiânia, Mato Grosso do Sul/Campo Grande
- Sudeste - Espírito Santo/Vila Velha, Minas Gerais/Contagem; Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Duque de Caxias, São Gonçalo, Suculap; São Paulo/ São Paulo, Campinas, Guarulhos, Itupeva, Osasco, Ribeirão Preto, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, São José dos Campos, São Roque.
- Sul - Paraná/Curitiba, Santa Catarina/Florianópolis, Rio Grande do Sul/ Porto Alegre, Hamburgo.

Essas grandes empresas globais que integram o circuito superior da economia, ligadas a moda são beneficiárias da arquitetura da globalização marcada, pela unicidade da técnica, pela convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a mais valia mundial. Desse modo, o território é amplamente usado pelas empresas que integram esse circuito, que pode tirar as melhores vantagens no uso do território. A informação como variável chave do período da globalização facilita a comunicação e a conexão com o mundo, incidindo nas inovações do setor têxtil e de confecções.

A indústria do vestuário inserida no setor de confecções, através, das novas tecnologias da informação amplia sua área de influência e abarca um público heterogêneo, já que o padrão de consumo dos indivíduos é variado, em função da diferenciação de renda e o setor produtivo necessita de todos que consomem tornando-se dependente, também, da população de baixa renda no que se refere à produção de bens e consumo. Aqui se incluem empresas de diferentes tamanhos e capitais, em diferentes escalas no território englobadas nos circuitos superior, superior marginal e inferior.

O circuito inferior em suas principais características têm trabalho intensivo, formas de serviços menos modernos, menor teor de capital investido e/ou praticamente nenhum, pouca tecnologia, organização e uma intensiva mão de obra de trabalho; o comércio popular, os ambulantes, as vendas a varejo e outros pequenos estabelecimentos que atuam em menor escala, estão incluídos nesse circuito.

As empresas do setor de confecções/vestuário do Polo do Agreste Pernambucano, em sua maioria pertencem ao circuito inferior da economia, estão instaladas em boxes, lojinhas, bancas na feira livre (localizado em subespaço deteriorado, de chão batido, sobre os traços da antiga linha ferroviária). E são empresas que estão

incluídas no circuito superior marginal da economia, representadas pelo Polo comercial de Caruaru, a fábrica de moda e outras atividades nesse setor.

FIGURA - 1

FIGURA - 2



FIGURA 1 - Bancas da feira de vestuário em Caruaru-PE

FIGURA 2 - Boxes da feira de vestuário em Caruaru-PE

Fonte: <https://www.google.com.br> acesso em 31 de agosto de 2018. Acesso às 18hrs00Min.

FIGURA - 3



FIGURA 3 - Polo comercial de Caruaru-PE

Fonte: <https://www.google.com.br> acesso em 31 de agosto de 2018. Acesso às 18hrs00min.

FIGURA - 4



FIGURA 4 - Fábrica da moda em Caruaru-PE

Fonte: <https://www.google.com.br> acesso em 31 de agosto de 2018. Acesso às 18hrs00 min.

As empresas do circuito inferior da economia usam cada interstício do território para manter suas atividades. Algumas estão mais bem localizadas em áreas centrais da cidade, por onde passa um grande fluxo de pessoas e transportes constantemente. Assim, “os agentes do circuito inferior buscam se instalar preferencialmente em localizações centrais da cidade, sobretudo, em pontos que representam centros de consumo popular ou, ainda, ‘centralidades periférica’” (MONTENEGRO, 2013, p. 40). É dessa maneira, que o circuito inferior se apropria das parcelas menos valorizadas do território para multiplicação de suas atividades, ampliando sua zona de influência.

Na cidade há também, empresas incluídas no circuito superior marginal, que produzem suas peças e distribuem para empresas incluídas no circuito inferior local, são empresas com atuação regional que respondem as demandas e necessidades da economia urbana. Estão nas cidades de Caruaru-PE, Toritama-PE e Santa Cruz do Capibaribe-PE, tanto na parte de produção como de comercialização, se relacionam com empresas do circuito inferior do Polo e seus produtos alimentam os comércios das pequenas cidades da região nordeste, como Alagoas e dentre outras.

Essas empresas atuam no atacado e no varejo, abastecem as pequenas lojinhas, a feira livre e constituem um nexos com o circuito inferior da economia urbana. Como elo entre a indústria e o cliente (varejista) as empresas atacadistas/distribuidoras têm um

considerável crescimento em função do aumento das pequenas atividades de varejo, e do consumo corrente e diário das pequenas populações.

São atividades que atendem os pequenos centros locais e áreas ao seu entorno, alcançando outras cidades na região, como é o caso das empresas do Polo de Confecções de Pernambuco, que atraem consumidores da região nordeste e de outras regiões do país.

No polo um exemplo da atuação do atacado/varejista é o centro da moda em Pernambuco - Moda Center Santa Cruz do Capibaribe - um dos maiores centros atacadistas de confecções do Brasil, onde são comercializadas peças no atacado e no varejo. Com empresas incluídas no circuito superior marginal e inferior. O mix inclui, de produtos populares a artigos mais trabalhados.

As empresas do circuito superior cada vez mais hegemônica atuam nas esferas de produção e distribuição, reafirmando sua força e controle dos mercados. O circuito inferior dotado de trabalho intensivo e de formas menos modernas apresenta em suas características transformações e permanências.

O trabalho intensivo continua como a principal característica do circuito inferior, mas, atualmente esse circuito começa a inserir capitais em seu funcionamento, apresentando modificações nas estruturas de comercialização e consumo, o que permite falar nas transformações ocorridas no subsistema inferior da economia urbana. O aparato tecnológico passa a ser presente na comercialização dos produtos. O sistema financeiro começa a inserir suas teias nestas pequenas economias, via cartão de crédito, e até mesmo com a inserção de um pequeno crédito institucional. Outro fator são as tecnologias da informação, utilizadas como ferramentas para divulgação, se antes o boca a boca estava como a principal forma de propaganda para esses agentes, hoje persiste, porém, este setor da economia passa a agregar meios sofisticados em suas publicidades, através, de redes sociais, como *facebook*, *instagram*, *whatsApp*, a partir de aparelhos *smartphones* e computadores que estão cada vez mais presentes no cotidiano de milhares de trabalhadores. Essas novas tecnologias têm sido absorvidas, especialmente, no comércio de vestuário.

TABELA 1 - Características dos dois circuitos da economia urbana.

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo – Inserção de capitais nos últimos anos – utilização de <i>*maquinetas de cartões de crédito, smartphones, computadores - objetos informacionais inseridos no circuito inferior com o objetivo de alavancar e flexibilizar as vendas.</i>
Organização	Burocrática	Primitiva - mas com modificações em algumas estruturas, principalmente de vendas – <i>*com o uso crescente do computador, além do livro de caixa, canhoto.</i>
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso com pouco rendimento
Assalariado	Dominante	Não-obrigatório
Estoques	Grande quantidade, alta qualidade	Pequena quantidade, qualidade inferior
Preços	Fixos em geral	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor. Parcelamento via cartão de crédito. <i>*Há também a venda feita por promissórias.</i>
Créditos	Bancário institucional	Pessoal não-institucional. Inserção de um pequeno crédito institucional - <i>*linhas de créditos oferecidas pelo Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Caixa Econômica Federal, entre outros.</i>
Margem de Lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (com exceção de produtos de luxo)	Elevada por unidade, mas, pequena em relação ao volume de negócios.
Relações com a Clientela	Impessoais e/ou com papéis	Diretas, personalizadas ou <i>*através de páginas alternativas nas redes sociais Facebook, WhatsApp, Instagram.</i>
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Pequena <i>*(hoje a publicidade se insere no circuito inferior de diversas maneiras: como uso da internet e as redes sociais; o uso de panfletos, banners, carros, motos e bicicletas de som). A propaganda boca a boca continua sendo, também, importante.</i>
Reutilização dos bens	Nula	Frequente
Overhead capital	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula, (ganha uma maior importância nos últimos anos, <i>*por exemplo, com a entrada de produtos estrangeiros - os produtos chineses.</i>)

Fonte: Milton Santos (2008, p. 44).

Adaptado: Cristiane da Silva

**Novas características do circuito inferior no período atual destacadas pela autora a partir da análise do circuito inferior das atividades do ramo varejista de vestuário.*

Em relação à capitalização das atividades do circuito inferior tem se realizado, por exemplo, com os microcréditos que tem beneficiado os pequenos empreendedores. É o caso, do Rio Grande do Norte, que liberou R\$ 3,5 milhões para o Programa

Microcréditos do Empreendedor, beneficiando mil pequenos empreendedores. O setor de confecções e comércio de roupas foi um dos beneficiados. Lançado em 2015, o Programa atinge 74 cidades do Estado. Em Toritama, Pernambuco, o microcrédito é usado para investimento produtivo em maquinaria, equipamentos, matéria-prima como mostra o estudo das autoras Jéssica Karolyne Soares de Brito; Juliane Feix Peruzzo (XXIII CONIC VII CONITI IV ENIC). Apesar, do microcrédito o setor de confecções do circuito inferior que engloba micro e pequenas empresas, têm acesso restrito ao crédito, tornando-as dependentes das empresas fornecedoras como observa (SILVA, SILVA, PERALTA: 2015).

Essa atividade tem grande pulverização no território nacional. Podemos dizer que, o território é *abrigo*⁶ para a grande maioria dos micro e pequenos empreendedores, diferentemente das grandes indústrias que tem o território como um *recurso*⁷. Essas empresas apresentam um alto grau de concorrência e baixos índices de concentração industrial. No setor de confecção, micro e pequenas empresas possuem um ciclo de vida curto (SILVA, SILVA, PERALTA: 2015), o alto grau de natalidade é acompanhado pela elevada mortalidade dos empreendimentos.

O SEBRAE aponta alguns fatores que ajudam a entender o ciclo de vida curto das micro e pequenas empresas: a falta de clientes, capital, burocracia e impostos, concorrência e a ausência de planejamento. Em relação à tecnologia, o setor ainda, é marcado pelo uso de máquinas obsoletas e baixa capacidade técnicas gerenciais. As dificuldades de automação da fase de costura mantêm o setor caracteristicamente intensivo em mão de obra, o que lhe confere especial importância do ponto de vista da ocupação da mão de obra. No entanto, há uma forte precarização das relações de trabalho, pois, a maioria dos trabalhadores não possui carteira de trabalho assinada.

De acordo com Montenegro (2013, p.29) há, uma *“crescente difusão e assimilação das possibilidades da época atual entre os atores não hegemônicos”*.

Nos dias de hoje, há uma expansão substancial do volume do circuito inferior nas maiores cidades do país. Contudo, para além desta expansão quantitativa,

⁶Partindo da compreensão do mundo como sendo um conjunto de possibilidades e, sugerindo que o espaço geográfico seja assumido como uma categoria de análise social, sinônimo de território usado, território abrigo de todos os homens de todas as instituições e de todas as organizações, ele recupera o sentido do “espaço banal” proposto pelo economista François Perroux (Milton Santos: O retorno do Território).

⁷ O território como recurso é o território como norma, espaço internacional de interesse das empresas (Milton Santos: O retorno do Território).

verifica-se também uma intensa renovação de suas dinâmicas e de suas relações com o circuito superior. Os limites entre os circuitos da economia urbana se realizam em novos termos, redefinindo, por conseguinte, o valor relacional e dialético entre eles (MONTENEGRO, 2013, p.31).

Para Montenegro (2013) há uma imbricação maior entre o circuito inferior e as variáveis do processo de globalização, como a técnica, a informação, o consumo e as finanças que intensificam as transformações da economia pobre, como parte do processo das variáveis. O circuito inferior incorpora técnicas modernas em suas atividades, sua definição são atividades pouco capitalizadas e com menor teor de tecnologia, mas, sua ausência não é completa, como já observamos no quadro 1. Por outro lado, de acordo com Montenegro (2013) um dos principais critérios que diferencia os circuitos hoje, é o grau de organização, embutido nas técnicas materiais e imateriais, e não mais o acesso à tecnologia em si.

Novos conteúdos são introduzidos no circuito inferior da economia urbana, porém, sua relação de dependência com o superior é deveras eminente. Apesar de, apresentar inúmeros fatores de evolução em seu processo organizacional e implementar novas características as já existentes, o circuito inferior continua sendo a via de consumo e de incorporação da população menos abastada existente na cidade.

Isto, é notório quando analisamos o ramo varejista de vestuário, presente nas pequenas cidades que apresenta uma papel importante na dinâmica territorial, por sua capacidade de gerar renda e trabalho a inúmeras famílias com atividades ligadas expressivamente ao circuito inferior da economia e reverbera como essas atividades do subsistema inferior ligadas ao ramo varejista de vestuário tem se tornado importante na economia tanto aos que consomem quanto aos que atuam como empreendedores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades do circuito inferior do ramo varejista de vestuário demonstram as novas funções do subsistema na economia urbana em atender as necessidades imediatas da população e do comércio local. O aumento da pulverização das atividades do circuito inferior, tornam visíveis as formas de atuação perto de localizações específicas, onde há

maior fluxo de pessoas e como este circuito vem desempenhando um papel importante nos dias atuais.

Ainda assim, não se pode deixar de mencionar que se o circuito inferior vem ampliando sua atuação em atender as necessidades imediatas das populações pobres, é sinal que algo não vai bem na economia do país, e que os pobres cada vez mais anseiam por suprir carências como vestir, comer e ter o mínimo para sobreviver.

Assim, o circuito inferior é marcado pela capacidade de criatividade dos agentes para continuarem atuando e sua existência está intrinsecamente vinculada ao conhecimento dos interstícios das cidades. O subsistema estabelece uma relação com o meio construído em que se instala, “desempenhando um papel primordial na absorção dos excluídos” (ALMEIDA, 2000, p. 140). María Laura Silveira (RII - VIII Seminário Internacional) aponta, que o meio construído é uma totalidade que permite olhar ao mesmo tempo, os sistemas de ações, ou seja, ver a cidade como um conjunto solidário e contraditório, de divisões do trabalho.

Desta feita, os indivíduos, pertencentes ao circuito inferior da economia urbana, buscam, sobremaneira formas de resistência e sobrevivência e encontram meios de atuação nos subespaços da cidade, seja em seu centro ou na sua periferia. O período técnico-científico-informacional, demonstra a intensificação e a relação entre os dois circuitos da economia urbana. De modo que, se apresentam mais interligados e interdependentes, mesmo, diante das novas topologias do circuito inferior e dos impactos sofridos pelas ações hierárquicas do circuito superior que subordinam as atividades inferiores.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, E. P. *A Metropolização-Periferização Brasileira no Período Técnico-Científico-Informacional*. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). São Paulo - SP, 2000. 236 p.
2. ARROYO, M. A economia invisível dos pequenos. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ar&id=283>. 04-09-2012 13:4

3. _____. A economia invisível dos pequenos. pp. 53:62. In: Dantas, A; Arroyo, M; CATAIA, M.(org.). *Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos*. – Natal: 2017. Sebo Vermelho. 556p.
4. BRITO, J. K. S de; PERUZZO, J. F. A expansão do microcrédito no Polo de Confecções de Toritama e suas relações com o Programa Bolsa Família (*XXIII CONIC VII CONITI IV ENIC*). 4 p.
5. MONTENEGRO, M. R. Novos nexos entre os circuitos da economia urbana nas metrópoles brasileiras. *Revista da ANPEGE*, v. 9, n. 11, p. 29-41, jan./jun. 2013.
6. OLIVEIRA, F. de. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. Boitempo: São Paulo, 2003. 143 p.
7. SANTOS, M. *Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo, maio de 1994. 94 p.
8. _____. *O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*; Tradução de Myrna. T. Rego Viana. -2. ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 440 p.
9. _____. *Pobreza Urbana*. (com uma bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala). – 3.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 136 p.
10. _____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. -22ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2012a. 174 p.
11. _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. -4. ed. 7. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012b. 384p.
12. SILVA, S. C. da. *Circuito Espacial Produtivo das Confecções e exploração do trabalho na Metrópole de São Paulo. Os Dois Circuitos da Economia Urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP)*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas-Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2012a. 362 p.
13. _____. *Circuito Superior e Inferior: sinônimos para a economia formal e informal?* Coluna Territorium. 10 de agosto de 2012b. Disponível em:<http://colunaterritorium.blogspot.com/2012/08/circuito-superior-e-inferior>. Acesso em 23 de novembro de 2017.

14. SILVA, A. M. da; SILVA, E. F. da; PERALTA, P. P. Propriedade intelectual no setor de confecção: estudo de uma microempresa fluminense. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, pp. 87–104, jul/dez 2015.
15. SILVEIRA, M. L. Os circuitos da economia urbana nas cidades brasileiras. *RII – VIII Seminário Internacional*. - Grupo 4 – Globalização e expansão metropolitana. p. 1-25.
16. SOUSA, R. *Da luta por acesso à terra aos desafios da permanência: uma contribuição ao estudo da questão agrária no Brasil e Cuba*. (Tese - Doutorado- Programa de Pós-Graduação em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. -São Cristovão/Sergipe, 2017. 267f.